

Alguma Nota sobre Casais*

SILVA, Agostinho da. Alguma nota sobre Casais. *Cadernos de Teoria e Crítica Literária*, Araraquara, SP: Setor de Teoria da Literatura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, n.º 4, jul. 1974, pp. 15-26.

De vez em quando sucedem milagres, se Deus os consente e neles se empenham os homens. Num país de ensino rotineiro, com mais interesse pela nota e pela autoridade do catedrático do que respeito pela ciência e liberdade de discernimento pessoal, surgiu a Faculdade de Letras do Porto, que era toda ao contrário, inimiga da burocracia e fosse do que fosse que pudesse lembrar Coimbra e seus malefícios de séculos e incitadora de descoberta própria mais do que de aprendizagem servil, bem longe de ser a escola técnica de profissionais de ensino em que se transformaram as outras.

Em dois grandes grupos se dividia, liderado um por Teixeira Rego, que podia ter sido bom matemático e físico – ouvi-o propor a teoria da luz de Broglie antes de Broglie – e ensinava filologia, pois ainda se não tornara ciência ou moda ser pedante em lingüística, e o fazia com mais gosto para quem o acompanhava na velha livraria Lello do que para quem, em obediência ao currículo, se matriculara na cadeira; o outro por Leonardo Coimbra, que podia também ter sido matemático e campeão remador, como Rego de tênis, e ensinava filosofia, ou antes, que isso era o certo, vivia filosofia, com muita agudeza e saber, como mestre, e muita angústia e caminhos torcidos, como homem, dando nota boa a quem se interessava e a quem se não interessava pela matéria – tive distinção na turma destes, pois que era o indo-europeu de Teixeira Rego meu pasto favorito –, tudo no Café Majestic, como o filólogo na Lello.

Casais, que entrara na Faculdade pelos anos 25 ou 26, quando eu, mais antigo no planeta, pelo menos no planeta escolar, me dava já ao luxo de ler Terêncio e Homero e rodava longe dos filósofos como Eugênio Aresta, José Marinho, Sant'Anna Dionísio ou Álvaro Ribeiro – Casais andava a um tempo pela metafísica e pela literatura, aquela mais livre ainda que a de Leonardo

* Impresso, posteriormente, em formato de folheto, “à parte para cem Amigos”, nas palavras do próprio Agostinho. Para a presente edição, adotamos o texto desta última impressão, na qual o autor, praticamente, não efetuou alterações. [N.O.]

– o qual, por filósofo, fora reprovado em seu concurso de professor para a Faculdade de Letras de Lisboa – esta, a literatura, quase tão erudita como a de Salgado Júnior, o grande comentador de Camões ou Verney ou Antero, também reprovado, claro está, pela Faculdade de Letras de Lisboa noutra concurso para professor.

Nunca vi ninguém estudar tanto e tão seriamente como Casais naquela Biblioteca Municipal do Porto, que conservava no acervo e na atitude a lembrança de um Herculano, de um Rocha Peixoto, de um Martins Sarmiento ou de um Sampaio (Bruno), este último educador do próprio Teixeira Rego, que fisicamente acabara por se parecer com seu Mestre. Já era o Casais daquela altura e daquela longa cabeça que o Brasil veio a conhecer, mas quase ficava oculto pelas pilhas de livros que requisitava de cada vez e que lia com voracidade e velocidade, muito antes de terem aparecido os métodos americanos de correr num segundo as páginas pares e adivinhar por elas as páginas ímpares; que lia, entendia e digerira em alimentação própria, sempre com um belo jeito de não ter grandes notas, como que a reservar-se para dar a sua medida na grande e difícil vida que o esperava.

E que já principiara, porque a erudição não era para Casais, como para tantos, uma forma de se esconder da vida; as noites pelas ruas do Porto, pacato ainda e provinciano mais que nunca, eram por Casais e seu grupo – o de um Viriato Gonçalves ou de um Horácio Cunha, de que poucos sabem e saberão, pois tiveram o excelente destino de serem extraordinários e de ninguém dar por eles – com exceção da polícia política, é evidente –, do mais ruidoso que se podia imaginar, bastante de acordo com o tom que o País ia tomando por aquelas alturas.

Nisto nos dividíamos, eu e Casais. O indo-europeu é mau conselheiro político – embora fosse a República a deusa de Teixeira Rego –, talvez, por outro lado andasse eu muito sob a influência de Goethe, coisa de que me curei depois, e prezasse sobre tudo a Ordem, com muita impaciência perante as fraquezas e os compromissos dos políticos e as injustiças que a cada momento via praticadas, o que já não era muito goethiano; o nosso poeta e crítico temia principalmente a ditadura que se aproximava e que, apesar de tudo, era apenas militar, quando o que realmente ameaçava o País era o obscurantismo coimbrão e o mesquinho espírito do quintal das couves. Quando tudo se decidiu, fiquei eu com a tropa, ele com a Constituição. Menos de um ano depois, entrei na *Seara Nova*,¹ e tive o gosto de ser demitido do serviço público ainda antes de Casais Monteiro; onde iria o Goethe!

Com Espanha, França e outras aventuras, perdi de vista Casais, que entrara na *Presença*, andava ensinando e fazia política. Não sei se o vi em São Paulo, na altura do Centenário, quando devia ele estar por Congressos² – mas vi Delfim Santos, outra cria do Porto – e trabalhava eu na Exposição de História³: só o encontrei plenamente na Bahia e naquela Universidade que a imaginação, a inteligência, a habilidade humana e o prestígio de Edgard Santos transformara numa espécie de corte do Renascimento. Casais chegara para ensinar na Faculdade de Filosofia, na Cadeira de Hélio Simões, e na Escola de Teatro de Martim Gonçalves, viera eu propor a Edgard Santos que se fundasse aquele Centro de Estudos Afro-Orientais que iniciou a política africana do Brasil e que talvez tivesse feito o mesmo com o Oriente – só trabalhou com o Japão e os Árabes – se o Presidente Jânio, que tão bem entendeu o Centro, não tivesse, por outro lado, deixado de reconduzir o Reitor no cargo de que jamais deveria ter sido apeado. Em 59, porém, só o Reitor me acompanhou na ousadia e praticamente se trabalhou a ocultas da Universidade, que talvez derrubasse o Centro se o tivesse sabido a funcionar; o escritório era no subterrâneo da Reitoria e, para disfarçar a minha presença, inventaram-se na Escola de Teatro aulas de filosofia, não sendo esta a última vez em que havia de ensinar o que não sei; coisa muito útil, porque se aprende muito estudando com aluno.

Aí aprendi ainda a conhecer a generosidade humana de Casais, o seu entusiasmo por poder ajudar os escritores locais, o seu gosto de relações, a real identificação com que no Dois de Julho acompanhava, com as autoridades e o povo, o cortejo cívico dos Caboclos, muito admirado – mas não tinha de quê – de que um catedrático português, por esse tempo em Salvador, considerasse a festa como ofensiva para os seus brios de patriota dileto do regime, não das Musas. A todos, alunos ou não alunos, animava e ajudava Casais, empresa em que naturalmente, como sempre sucede, gastava às vezes ótima cera com péssimos defuntos. Quando vinha a desilusão, que muito o feria, ou ficava dois ou três dias de papo para o ar, estendido na cama, meditando nas injustiças do mundo, e assim o encontrou Jorge de Sena, que tanto admirava Casais, quando em 59 desembarcou no Brasil para uma vida nova e grande, ou tinha um ataque de humor negro, de que sempre acabavam por o tirar a extraordinária Raquel Moacir e algum mais certo amigo como Pedro Moacir Maia, ou certo e vário como aquele talentoso e protético Jair Gramacho, poeta principal, helecionista e perfeito no seu imprevisível.

Depois o vi cansar-se de tanto folclore baiano, que ia o nosso homem mais de que muito pelo velho Descartes e pelo “toute ma physique n’est que géométrie”, e abandonar, herdando-a eu, a casa da Federação, enquanto abalava para o Sul, a buscar seu jornal, ou Faculdade ou editor. Intuição e razão nele se disputavam o trono, a ordem e a desordem nele o atraíam por igual, mas não vinham ao mesmo tempo, e depressa o cansavam durante o seu reinado. Além de tudo havia a saudade da velha Mãe e da sua Casa Grande de Ruivães, naquele exílio que era, simultaneamente, forçado e de gosto; não suportaria Portugal e lhe era difícil viver sem Portugal. Entre os contrários balançava, sem que tivesse chegado a alcançar que se unem as várias geometrias naquela que não tem dimensão alguma; por isso foi poeta, naturalmente, mas não na poesia de equânime altura que houve com Lao Tse ou Bashô; por isso entendeu como crítico tanta obra diferente, mas não pairou acima delas, como Sainte-Beuve, por exemplo; estar firme num rochedo e ver explodir mar não era dele; lhe eram casa a corrente, a onda e a ressaca.

* * *

Ainda me passou por Santa Catarina – e talvez fosse até antes de Salvador – e aí deu uma bela lição num Círculo de Filosofia que se tinha inventado naquele Desterro, sob a asa protetora de Henrique Fontes, o duro velho, e de Jorge Lacerda, aquele que os deuses, por o amarem, levaram jovem. Mas onde o vi pela última vez foi no aeroporto do Rio, de viagem para São Paulo e Araraquara, onde se lhe metera na cabeça que me devia levar para a banca de seu doutoramento ou concurso, não sei mais. Ia, no seu jeito, com entusiasmo e com resignação; colegas e alunos lhe agradavam totalmente, tinha, naquele interior, todos os meios de trabalho de que podia precisar, ficava perto de São Paulo, onde lhe estavam amigos, livros, vida viva, podia passar suas férias no Rio, ao apartamento junto ao mar; o problema, porém, é que era homem de serra, e monge também de certo modo, e que Portugal lhe faltava.

Nunca o teve, e nem sequer aprendeu, com o desgosto que de vez em quando lhe dava a política feita no exílio, de que, mesmo que o tivesse, as saudades de Ruivães seriam substituídas pelas de Araraquara ou Itapuã, e que dificilmente deixaria de estar em oposição a qualquer governo que se estabelecesse no País, primeiro porque não há paraísos instantâneos, depois porque resta saber se seria o Paraíso o lugar de moradia a que daria Casais a sua preferência; não: saudades do Paraíso lhe serviriam, com seu amor e sua dúvida, seu avançar e seu fugir, sua plenitude e seu remorso. Não

era homem para ter a felicidade, que não é, de resto, dos mais altos valores, nem para que a Paz o tomasse, que essa, sim, é valor; se jogar e jogar, eis seu destino, mas, perante esse destino, o espectador inteligente e sensível, e terno, e mole um pouco, que a aventura confrange.

Apesar dos filhos que finalmente se haviam escapado a Portugal, a morte de Raquel o marcava de solidão, ou o marcaria talvez de maior solidão, que só sempre ele fora; e não se sabe até que ponto, para algum velho, é a juventude à volta sinal de solidão mais que de companhia. De algum momento para diante se tornou a sua vida, apesar de todo o entusiasmo pela literatura, e só nos menos bons pode ser ele absorvente, um caminhar lento e fatal para a morte; tão longe o via já, tão separado do que era realmente vida, que não lamentei muito que nos não tivéssemos encontrado durante o período em que lecionamos na América, ele em Wisconsin, onde, ao que parece, se sentiu muito bem, apesar do frio, eu em Nova York, onde recebi, por meus alunos, muita boa lição de humanidade excelente. Há quem morra antes de ter vivido e quem viva depois de ter morrido; houve em Casais as duas coisas: não creio que tivesse estado na América plenamente vivo; e estou seguro de que viverá mais e mais à medida que Portugal se despoje de seus falsos ouropéis de poderoso Estado e renasça no espírito que o fez grande antes do absolutismo real, do capitalismo italiano e alemão e da opressão religiosa, isto é, na liberdade republicana, numa austera solidariedade econômica e na inteira fantasia de pensar Deus, ou de O não pensar; mais precisamente, de O pensar e de, simultaneamente, O não pensar.

Notas

1 O golpe militar que põe fim à República parlamentar portuguesa data de 28 de Maio de 1926; o ingresso do jovem Agostinho da Silva no grupo e na revista *Seara Nova*, de Outubro de 1928, mês em que estampa o seu primeiro artigo, “Carta aos velhos latinistas”, na célebre “revista de doutrina e crítica”, segundo seu subtítulo. De modo que não foi “menos de um ano depois” do tal golpe a altura em que se deu a sua adesão àquele notável círculo de intelectuais. O autor comete aí uma ligeira imprecisão cronológica, de resto, muito comum nos processos de rememoração. [N.O.]

2 É como convidado do Congresso Internacional de Escritores, decorrido naquela São Paulo de 1954, que Adolfo Casais Monteiro chega ao Brasil, iniciando a fase (definitiva) do exílio, donde pode dar-se como certo o reencontro, em São Paulo, dele com este seu condiscípulo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [N.O.]

3 Precisamente, Exposição de História de São Paulo no Quadro da História do Brasil, cuja realização se deveu a Jaime Cortesão e equipe, da qual, entre outros, fazia parte Agostinho da Silva, no contexto das comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo. [N.O.]